

VIDA COTIDIANA: em torno de Agnes Heller e Michel de Certeau

Everyday Life: around Agnes Heller and Michel de Certeau

Maria Lívia de Sá Roriz AGUIAR¹; Micael HERSCHMANN²;

Resumo: A partir da afirmação de que o cotidiano é um conceito chave para a Comunicação, o artigo procura estabelecer as aproximações e as diferenças entre as conceituações de cotidiano de Agnes Heller e Michel de Certeau, destacando as principais contribuições desses dois autores para a formulação teórica sobre a questão. Procura ainda articular de que forma a questão do cotidiano pode ser pensada numa perspectiva de transformação social.

Palavras-chave: Cotidiano; Agnes Heller; Michel de Certeau; Comunicação;

Abstract: From the assertion that everyday is a key to the communication concept, the article seeks to establish the similarities and differences between the concepts of everyday Agnes Heller and Michel de Certeau, highlighting the main contributions of these two authors for the theoretical formulation of the issue. It also seeks to articulate how the issue can be thought of daily life from the perspective of social transformation.

Keywords: Everyday life; Agnes Heller; Michel de Certeau; Communication;

¹ Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 2013). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), aonde desenvolve pesquisa sobre a interseção música e comunicação. E-mail: marialiviaroriz@gmail.com

² Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (em 1998) e realizou dois estágios pós-doutoral: em Comunicação pela Universidade Complutense de Madri (2006) e em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2013-2014). Pesquisador 1D do CNPq; coordenador do GP Comunicação, Música e Entretenimento da INTERCOM; Professor Associado III da linha de pesquisa Mídia e Mediações Socioculturais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ).

Introdução

O objetivo do artigo é articular alguns aportes teóricos e conceituais em relação à questão do cotidiano. Para isso, procuramos definir, sobretudo, a partir de Agnes Heller e Michel de Certeau, o que é o cotidiano, mas antes questionamos se, de fato, o termo se configura como um conceito.

Embora os autores privilegiados na análise sejam Agnes Heller e Michel de Certeau, teremos a preocupação de, no decorrer do texto, situar teoricamente outros autores que se preocuparam com a questão.

Dessa forma, objetivamos pensar, em primeiro lugar, a relação que tanto Agnes Heller como Michel de Certeau estabelecem entre cotidiano e vida, ainda que cada um numa perspectiva teórica e analítica peculiar. Procuramos mostrar, ainda, como Agnes Heller utiliza o conceito numa prática de pesquisa empírica cujo olhar historiográfico é fundamental. Na sequência, mostramos como Michel de Certeau produz com as “invenções do cotidiano” uma ruptura dos estudos sobre a temática.

No nosso entendimento, o cotidiano pode ser pensado como um conceito chave para a comunicação. A questão da experiência, das representações e das práticas fornece a chave teórica fundamental para a dimensão comunicacional.

Cotidiano ou vida cotidiana?

É possível dizer que cotidiano é um conceito ou seria um campo teórico? Alguns autores (JOSGRILBERG, 2014, p. 92-100) se referem às teorias do cotidiano, no plural, enquanto outros categoricamente afirmam que “o cotidiano não é um conceito que se pode mais ou menos utilizar na área intelectual” (MAFFESOLI, 1985). Polêmicas a parte, observa-se que há, em diversos autores, quase sempre uma aproximação entre cotidiano e vida. Tanto Agnes Heller (1985), quando sentencia “o cotidiano é a vida do homem inteiro”, como Maffesoli (1985), quando afirma que o cotidiano “é um estilo de algo mais abrangente”, ou seja, “uma encarnação ou ainda a projeção concreta de todas

as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro” estão, a rigor, procurando definir não o cotidiano, mas a vida cotidiana³.

A escolha pela definição acoplada à noção de vida resulta da influência da abordagem filosófica de Husserl sobre muitos dos autores (Schutz, Simmel, Goffman, entre outros⁴) que trabalham com a questão, sobretudo os que seguem o funcionalismo como corrente teórica. A partir do conceito de “mundo da vida” (*Lebenswelt*), desenvolvido por Husserl, nos últimos anos de sua existência, entendido como o mundo da evidência e da experiência cotidiana, esses autores consideram as práticas e as experiências do homem no mundo como contingentes (SCHUTZ, 1967) ou como mundo das evidências originais (SIMMEL, 1967). “O mundo é o campo universal no qual todos os nossos atos, os nossos atos de experiência, de conhecimento, de trabalho, estão inseridos” (HUSSERL, 1967, p. 164 *Apud* CORREIA, 2005, p. 36).

Mas o que é a vida cotidiana? Talvez a definição mais sucinta e ao mesmo tempo mais abrangente seja a de Agnes Heller na abertura do seu clássico estudo sobre o tema: “A vida cotidiana é a vida de *todo* homem” (HELLER, 1985, p.17. Grifo da autora). Na sua teoria, Heller divide a vida em atividades cotidianas (objetivadas) e não-cotidianas (de certa forma as subjetivadas). Todo homem nasce no cotidiano, mas ao produzir reflexões teóricas, filosóficas, artísticas e políticas estaria na dimensão não-cotidiana, que, evidentemente, tem sua origem no próprio cotidiano. Ao grifar todo na frase em que define cotidiano como vida, Heller indica que qualquer um, não importa o estágio de consciência histórica em que seja lançado ao mundo, nasce no cotidiano e aí se desenvolve.

Fábio Josgrilberg ao definir no verbete do **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores** (2014) a vida cotidiana elucida que ela “envolve a esfera das paixões, dos sonhos, do lúdico, das ações não especializadas dos indivíduos”, ou seja, atos básicos como comer, andar na rua, conversar, encontrar os amigos, estar em casa com a família, praticar esportes, namorar constituem os movimentos naturais do

³ Goffman é outro autor que aproxima a noção de cotidiano de “vida”, ao falar explicitamente da “vida cotidiana”. Cf. GOFFMAN, 2009.

⁴ Para referências completas cf. Bibliografia.

cotidiano. Esses movimentos são construídos pelos homens e suas atitudes, sua maneira de estar no mundo.

O cotidiano é constituído dos movimentos humanos que não são sistematizados em normas, leis, instituições e outras articulações de poder sustentadas pelo cálculo, divisões ou qualquer estratégia que pretenda garantir a coesão social – sem haver aqui juízo de valor, pois todo grupo social busca referências mais ou menos estáveis para lhe garantir a existência (JOSGRILBERG, 2014, p.93).

As principais teorias sobre o cotidiano desenvolvem-se tomando como centrais as dimensões dialética, fenomenológica e da filosofia da linguagem. Em função das diferentes abordagens, segundo Josgrilberg, o peso dessas três teorias irá variar, mas para ele a matriz dialética constituiria a chave para a compreensão do conceito (2014, p. 97).

A abordagem dialética, na qual a questão das contradições é colocada em relevo e na qual, grosso modo, se concebe que “as leis do pensamento humano” diferem da sua expressão no mundo da vida, havendo oposições entre esses dois campos, aparece nas reflexões de Agnes Heller e Michel de Certeau, como veremos ainda no decorrer desse texto.

Cabe salientar que a dialética se constitui como uma visão oposta à filosofia idealista de Hegel para quem a doutrina da mente se constituía “como um catálogo abstrato e imóvel de suas características e poderes - intelecto, vontade, emoção, sensação etc.”. Na perspectiva dialética, mente e vida se constituem e se exibem no seu processo de desenvolvimento, passando-se da “consciência sensorial à compreensão e, por fim, à razão – estado último do Espírito ao adquirir (na ação, na práxis) uma consciência completa de si” (CARDOSO, 1988, p. 3).

Já a perspectiva fenomenológica toma como pressuposto a reflexão sobre a experiência do ser humano no mundo vivido na presença de outros seres humanos. Seguindo os princípios da fenomenologia de Husserl, como uma reação ao psicologismo do início do século XX, pode ser definida como “uma ciência dos objetos ideais”. Uma ciência universal, já que é a ciência das essências das vivências. Assim, a fenomenologia engloba o estudo de todas as vivências e os objetos das vivências, já que essas são intencionais, sendo fundamental sempre a referência aos objetos. A

fenomenologia compreende, pois, o estudo das vivências e de seus objetos intencionais, que são universais. Outra questão fundamental na reflexão fenomenológica diz respeito à intencionalidade. Nessa corrente teórica toda consciência é “consciência de” e o estudo da consciência inclui obrigatoriamente as suas significações e seus objetos intencionais (MARÍAS, 2004, p. 459-464).

No caso da abordagem fenomenológica do cotidiano, destacam-se as reflexões de Alfred Schütz e a sociologia de Georg Simmel, que concebem a vida como transcendência. Assim, para eles ainda que a vida se defina por seus limites, esses podem ser ultrapassados, ou seja, “cada ato vital implica a limitação e a superação do limite”. No que diz respeito ao seu conceito de vida, Simmel toma como referência a questão do tempo. Apenas o passado e o futuro eram, para o autor, “magnitudes temporais”, já o presente, a atualidade, seria o momento inextenso, não sendo tempo. “O tempo não existe na realidade, e a realidade não é tempo”. E apesar de tudo, a vida vivida subjetivamente é sentida como algo real numa extensão temporal (MARÍAS, 2004, p. 427).

Para Josgrilberg (2014, p. 98), no pensamento de Michel Maffesoli, definido por ele como sociólogo do cotidiano, a abordagem fenomenológica se destaca, uma vez que sofre diretamente as influências da sociologia compreensiva e fenomenológica de Simmel e Schütz.

Para Schütz (1967), “toda a esfera das experiências cotidianas, direções e ações através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objetos, tratando com pessoas, concebendo e realizando planos” é o mundo da vida (CORREIA, 2005, p. 39). Assim, o mundo cotidiano ou da vida cotidiana seria o “mundo intersubjetivo experimentado pelo homem” quando contingentemente aqui é lançado. Esse mundo existe antes do seu nascimento e continuará a existir depois de sua morte. Tem sua história construída anteriormente a sua chegada. É o mundo que já encontra de modo organizado. Esse mundo será palco das ações humanas. Assim, o homem no mundo do senso comum, no mundo da vida cotidiana age não nele mas sobre ele (SCHUTZ, 1967 *Apud* CORREIA, 2005, p. 39).

Por fim, diferentes teorias e filosofias sobre a linguagem constituem fundamentos essenciais para refletir sobre o cotidiano. Nesse sentido, destaca-se a obra de Ludwig Wittgenstein, não apenas “por pensar o significado de uma palavra e seu uso dentro do jogo de linguagem, situando-a ao nível da linguagem ordinária” (JOSGRILBERG, 2014, p. 98), mas, sobretudo, por perceber a partir da abordagem da tradição lógica, que a linguagem instaura a vida. A questão é mais complexa do que enuncia Fábio Josgrilberg (2014).

A tradição lógica coloca em evidência na discussão filosófica o “tema da estrutura essencial do discurso sobre o ser”. Nessa acepção, entre as várias modalidades do discurso há aquele que enuncia, correta ou incorretamente, que as coisas são ou não são. A esse discurso se dá a atribuição de verdadeiro e falso. No primeiro caso, quando diz que as coisas são o que realmente são ou não são o que realmente não são. O inverso vale para a presunção do falso. Assim, na tradição da questão do enunciado a partir da proposição lógica, o discurso enunciativo teria uma forma essencial, sendo que a sua instituição sob os mais variados símbolos já o definiria como discurso verdadeiro ou falso (SANTOS, 2008, p. 14-15). O segundo aspecto diz respeito à crítica epistemológica das faculdades subjetivas do conhecimento, que no pensamento de tradição lógica é uma total abstração em relação àquilo que representa (SANTOS, 2008, p. 17).

Portanto, para os estudos sobre o cotidiano que tomam como pressuposto a filosofia da linguagem herdeira da tradição lógica, a linguagem sempre está imersa não num jogo que a coloca no lugar ordinário, mas ela representa o discurso verdadeiro ou o falso a partir da própria característica essencial do discurso. Na vida cotidiana, esse discurso aparece materializado simbolicamente e são esses símbolos que se analisam para refletir sobre a complexidade da vida ordinária. Nessas teorias, o segundo aspecto que destacamos, ou seja, a abstração conceitual, também é fundamental, já que o cotidiano se transforma num construto teórico, abstrato, capaz de ser refletido, mais do que reflete.

Agnes Heller e a vida cotidiana

Pensando numa dimensão histórica, já que a humanidade viveria estágios possíveis de consciência numa ordem temporal (HELLER, 1993), para Agnes Heller o cotidiano é a “vida de todos os dias” e mesmo “as maneiras de pensar, as práticas morais, os ideais éticos, as formas de consciência religiosa, a arte e a ciência”, que formam o âmbito não-cotidiano, são fundamentais para a constituição da “vida do homem inteiro” (1985, p. 17).

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso não pode aguçá-los em toda a sua intensidade (HELLER, 1985, p.17-18. Grifo da autora).

Ao aplicar a perspectiva teórica da vida cotidiana no seu clássico estudo sobre o homem do Renascimento (1982), Heller define o período histórico foco do seu trabalho como “um processo social afetado por todos os domínios”, no qual a vida de todos os dias e as maneiras de pensar foram transformadas, inaugurando um momento particular na história da humanidade.

Assim, embora para Heller a vida social possa ser dividida em dois grandes sistemas (o da vida cotidiana e o da não-cotidiana), mesmo as ações do segundo sistema são profundamente influenciadas pela contingência do homem estar no mundo por inteiro. Para ela, a vida cotidiana é constituída a partir de objetivações do gênero humano (objetivações genéricas em-si) e essas são aquelas que formam o sujeito na sua constituição primeira: a linguagem, os objetos (utensílios, instrumentos) e os usos e costumes de uma determinada sociedade. Já as esferas chamadas por ela não-cotidianas são constituídas a partir das objetivações humanas superiores (objetivações genéricas

para-si), como o a consciência religiosa, a arte, a ciência e a política (HELLER, 1985, 1987).

Colocando em relação à sociedade e os homens que a constituem afirma: “a vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracterizam os homens particulares, os quais, por sua vez, criam a possibilidade da reprodução social”. E continua:

Nenhuma sociedade pode existir sem que o homem particular se reproduza, assim como nada pode existir sem reproduzir-se simplesmente. Por conseguinte, em toda sociedade há uma vida cotidiana e todo homem, seja qual for seu lugar ocupado na divisão social do trabalho tem uma vida cotidiana (HELLER, 1987, p. 19)

Para Heller, os níveis de objetivação do mundo histórico estão sempre em permanente transformação, que representa os estágios da consciência histórica, caminhando da “consciência da generalidade não refletida (o mito)” até “a generalidade refletida como tarefa” que seria a responsabilidade planetária do homem de transformar o mundo. Nessa perspectiva, evolucionista, o homem na vida cotidiana caminha sempre em direção a uma tarefa mais complexa localizada num futuro previsível.

Mas para Heller, a formação de cada indivíduo começa nas esferas da vida cotidiana. Quando é contingencialmente lançado num mundo pré-existente, o homem aprende uma linguagem e outros objetos e instrumentos culturais, os usos e os costumes da sociedade na qual está inserido. Assim, a vida cotidiana é composta pelo conjunto de atividades voltadas para a existência do indivíduo e a vida não-cotidiana seria composta pelas atividades voltadas para a reprodução da sociedade. Na cotidianidade estaria o espaço de satisfação das necessidades essenciais, enquanto as atividades não-cotidianas são determinadas por motivações genéricas, existentes desde o início da história da humanidade, sendo resultado de um longo processo histórico (ROSSLER, 2004, p. 103).

Segundo a conceituação de Heller, a vida cotidiana deve ser pensada também como “heterogênea e hierárquica”. A autora classifica-a como heterogênea em função da multiplicidade de seu conteúdo, materializada nas diversas atividades desenvolvidas. “São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação”

(HELLER, 1985. p.18). Já no que diz respeito à hierarquia, destaca a transformação, por exemplo, do sentido do trabalho ao longo da história. E exemplifica: se na pré-história o trabalho ocupava lugar determinante e dominante na hierarquia do cotidiano, na Ática do século V era a vida social que ocupava lugar central (HELLER, 1985. p.18).

O cotidiano define a própria socialização já que as normas e valores da sociedade são constituintes da vida comum do indivíduo.

O homem já nasce inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade (HELLER, 1985. p.18).

A assimilação das coisas, o amadurecimento da vida cotidiana, segundo Heller, é um “sinônimo de assimilação das relações sociais” (HELLER, 1985, p.19). Essa “assimilação” tem suas bases naturais mescladas com as relações sociais. O ato de comer é uma atividade da vida cotidiana, não deixaríamos de fazer, pois é vital e nesse sentido é um movimento natural. Porém, ao sentarmos a mesa e comermos de garfo e faca, estamos fazendo um movimento instaurado pelo “processo civilizador” (ELIAS, 1990).

O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade (por exemplo, que deve levantar e agir por sua conta; ou o modo de cumprimentar, ou ainda como comportar-se em determinadas situações, etc.); mas não ingressa nas fileiras dos adultos, nem as normas assimiladas ganham ‘valor’, a não ser quando essas comunicam realmente ao indivíduo os valores das integrações maiores, quando o indivíduo – saindo do grupo (por exemplo, da família) – é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de mover-se no ambiente da sociedade em geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente (HELLER, 1985. p.19).

Michel de Certeau e a invenção do cotidiano

Como definiu Anne-Marie Chartier e Jean Hébrad (1998) **A invenção do cotidiano** só na aparência é um livro fácil. A rigor, trata-se de uma obra densa e repleta de conceitos pelas margens e que desde a sua publicação, em 1990, vem sendo apropriada por diversas disciplinas para dar conta da complexa maneira como o

consumo cultural se estrutura e quais as operações possíveis de serem realizadas pelos seus usuários.

Tomando como objeto os fazeres comuns da vida cotidiana, do homem ordinário, da cultura comum, Certeau os define como “uma série de atentados ao poder, nos interstícios de suas previsões” e recusa que essas ações denominadas por ele de “táticas” (por oposição às estratégias que implicam a ação deliberada) possam ser restituídas ao espaço racional da cultura erudita (CHARTIER e HÉBRAD, 1998, p. 30).

Ainda que não se refira explicitamente, tal como faz Heller, à vida cotidiana, falando no cotidiano como um substantivo, sua conceituação coloca em evidência a noção de cultura cotidiana como artes de fazer, produzidas pelos atores sociais e históricos envolvidos no processo. O cotidiano, para Certeau, seriam essas artes e não os fatos da sociedade ou os produtos da cultura. Através de uma teoria interpretativa, igualmente dialética, tal como a abordagem de Heller, seu objetivo é mostrar as ações dos atores envolvidos no mundo social, os sentidos latentes desses atos e suas funções sociais.

Para Certeau, o cotidiano não está dado, nascendo das relações, indo do micro para o macro. Segundo ele “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 2004, p. 38). Essa caça é muitas vezes microscópica, mas será a relação (sempre social) que “determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua a pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais” (CERTEAU, 2004, p.38).

Portanto, embora não fale explicitamente em “vida cotidiana”, o que interessa ao autor é a análise do mundo diário – mundo de profusão de gentes, falas, gestos, movimentos, coisas – que abriga o que ele denomina “invenções anônimas”, desvios, que se manifestam nas táticas difusas do homem comum que age e transforma o mundo. Para Certeau, no cotidiano há sempre um sujeito produtivo e esse lugar não é o espaço da mera reprodução, sendo sempre lugar de invenção, das “artes de fazer”. Segundo ele, por exemplo, não basta perceber que o indivíduo ficou em frente ao aparelho de TV durante quatro horas, interessa saber o que essa ação produziu no indivíduo. (CERTEAU, 2004, p. 39).

A análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural ‘fabrica’ durante essas horas com essas imagens (CERTEAU, 2004, p.39).

É o que esse produtor (usuário) faz com esse produto, ou seja, a fabricação cultural ocorrida no cotidiano que interessa ao autor.

A fabricação que se quer detectar é uma produção, uma poética – mas escondida, porque ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas de ‘produção’ (televisiva, urbanística, comercial, etc.) e porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa aos ‘consumidores’ um lugar onde possam marcar o que fazem com os produtos (CERTEAU, 2004, p.39).

Na perspectiva de Certeau há sempre apropriações e ressignificações imprevisíveis no consumo dos bens culturais e materiais. Essas “astúcias” é que irão compor uma rede de antidisciplina que aparecerá ora como “resistência” ora como inércia em relação às imposições sociais.

Para Alípio Filho (2005, p. 5), uma das maiores contribuições teóricas de Michel de Certeau está exatamente na questão da “antidisciplina”. “Ao ver nas “maneiras de fazer” dos “consumidores” mais do que apenas relações entre indivíduos e coisas a consumir, o autor fornece elementos para uma verdadeira teoria da contraparte da dominação”.

As práticas, através das quais os usuários se apropriam dos espaços sociais e de seus produtos, são essas maneiras de fazer, “maneiras quase microbianas, que proliferam no interior das estruturas do sistema, modificando seu funcionamento, mas também deturpando-o, ressignificando-o, lesando-o”. Com essas ideias centrais, Michel de Certeau constrói uma sociologia da vida cotidiana, fazendo do pressuposto da ação questão fundamental para transformar seu legado teórico numa política para a vida cotidiana (FILHO, 2002, p.5-6).

No ato de falar, para ele, também se produz a fabricação do cotidiano. Mas esse ato não se reduz ao conhecimento da língua. “Em linguística, a ‘performance’ não é

‘competência’: o ato de falar (e todas as táticas enunciativas que implica) não pode ser reduzido ao conhecimento da língua” (CERTEAU, 2004, p. 40). Assim o cotidiano é construído por *performances*, falas, imagens que esses usuários, ao partilharem, criam. “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 2004, p. 40).

Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede da ‘vigilância’, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também ‘minúsculos’ e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que ‘maneiras de fazer’ formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou dominados?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política (CERTEAU, 2004, p. 41).

Segundo Michel de Certeau (2004, p.47), as táticas usadas nas práticas cotidianas são dinâmicas. Elas dependem sempre de um Outro, não tendo lugar certo para operar. Cita o exemplo da dona de casa que ao fazer compras irá usar “os acontecimentos para os transformar em ocasiões”: assim ela irá comprar de acordo com o gosto da família, com o que falta em sua geladeira, o que está mais barato. O exemplo é uma forma didática para entendermos que a tática ocorre além do discurso, da linguagem e faz parte do cotidiano. “A sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião” (CERTEAU, 2004, p. 47). Portanto, as táticas se revelam nos gestos do cotidiano.

Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar refeições, etc.) são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte das ‘maneiras de fazer’: vitórias do ‘fraco’ sobre o mais ‘forte’ (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem, etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de ‘caçadores’, mobilidades de mão-de-obra, simulações polimorfais, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. Essas *performances* operacionais dependem de saberes muitos antigos. Os gregos as designavam pelas *métis*. Mas elas remontam a tempos muito mais recuados, a imemoriais inteligências com as astúcias e simulações de plantas e de peixes. Do fundo do oceano até as ruas das megalópoles, as táticas apresentam continuidades e permanências (CERTEAU, 2004, p. 47).

O autor apresenta a cidade como o espaço onde as práticas do cotidiano são realizáveis, que se transforma, assim, em espaço de concepção e construção que possui o seu próprio tempo.

A cidade, à maneira de um nome próprio oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um estado finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. Nesse lugar organizado por operações ‘especulativas’ e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação (CERTEAU, 2004, p. 173).

Michel de Certeau em sua obra fala de uma cidade contemporânea, onde as práticas cotidianas se realizam de maneira específica. Destaca o tempo de um homem mais voltado para a imagem, o olhar, ou seja, uma prática mais de espectador do que de um indivíduo que atua. Na sua análise, os meios de comunicação são fundamentais para as práticas no mundo contemporâneo. “A cidade contemporânea torna-se um labirinto de imagens. (...) Uma paisagem de cartazes organiza nossa realidade. É uma linguagem mural com o repertório das suas felicidades próximas” (CERTEAU, 2001, p. 46).

Ao analisar as cidades, Certeau explora-as como território do *voyeurismo* e do imaginário. O autor fala de um mundo onde o ato de ver produz mudança no indivíduo, deixando de ser ator agente para se tornar ator momentaneamente passivo. Um ator que se volta para o mundo da televisão, da leitura, onde ele poderia ser substituído pelo que vê e pelo o que imagina.

O leitor encontra nas imagens e nas ‘legendas’ uma história daquilo que ‘não se faz’, uma história ausente. De onde uma primeira constatação: aquele que entra nessa linguagem é aquele que sai da vida cotidiana e que a existência não mas proporciona, seja pelo cansaço, seja porque não ousa mais pensar numa mudança do possível. Por isso deve-se contentar em sonhar com ele. Ou em vê-lo, à falta de fazê-lo. Como dizia uma propaganda de um canal de televisão: ‘Seja esportivo – em sua poltrona.’ É-se espectador renunciando a ser ator (CERTEAU, 2001. p.42-43).

Ao tomar como referência as práticas cotidianas dos atores sociais do século XX, o autor destaca ainda o desenvolvimento de um imaginário específico na relação direta e recíproca “de uma ‘civilização’ em que se multiplicam os *voyeurs* e os contemplativos”. Desse modo, a ‘atualidade’ de Certeau, ou como ele chama “esse resto visual da ação, mostra as fortunas e os males dos outros, segundo uma lei que combina

o luxo da informação com a passividade das testemunhas. A inação parece ser o prêmio da imagem” (CERTEAU, 2001, p. 43).

Considerações Finais

Ainda que as análises de Michel de Certeau e de Agnes Heller destaquem aspectos específicos – a primeira, as práticas exercidas nos atos da vida e a segunda percebe o mundo da vida como algo pré-existente no qual a ação humana desenvolve transformações em duas instâncias possíveis, a do cotidiano e a do não-cotidiano (no campo das ideias) – podemos perceber uma aproximação no pensamento dos dois autores em relação à questão do cotidiano. A ação humana, capaz de exercer um papel transformador, está presente na conceituação dos dois teóricos.

Para ambos, o homem, seja através de práticas específicas (materializadas muitas vezes em táticas difusas) (CERTEAU, 2004), seja ao viver imerso por inteiro no mundo da vida, exerce com suas ações transformações, reconfigurando esse lugar real/simbólico que os autores denominam cotidiano.

Para Michel de Certeau essas ações são práticas, enquanto para Heller é vida. Outra aproximação, diz respeito ao lugar da reflexão crítica-científica. A produção de uma reflexão sobre o cotidiano nos dois teóricos objetiva a transformação que o lugar não cotidiano (na acepção Heller, ou seja, a ciência) pode produzir. Assim, tanto as reflexões de Michel de Certeau, que faz de sua sociologia uma política do cotidiano, quanto a percepção da vida do homem por inteiro de Agnes Heller são ações políticas, no sentido da construção de uma ciência transformadora.

Como último movimento desse texto que procurou colocar em evidência o conceito de cotidiano, particularizando-o, sobretudo, a partir das reflexões de Agnes Heller e Michel de Certeau, convém transcrever um texto de Heller que fala exatamente do papel político/transformador que uma reflexão sobre um tema aparentemente da ordem do comum pode produzir.

Em todos os tipos de atitudes teóricas, às quais obviamente pertencem a historiografia, o cordão umbilical da sobrevivência e da avaliação pessoais precisa ser cortado. O teórico, que segue e aplica valores apenas para obter sucesso na vida cotidiana, exclui-se a si mesmo da comunidade ideal dos

cientistas, sem levar em consideração se ele realmente intenciona ter sucesso ou não. Assim, a primeira norma de reflexão sobre os valores exige que revelemos se os valores que estamos aplicando atendem ao requisito de pessoal desinteresse. A renúncia a si mesmo proposta por Peirce é o primeiro passo na reflexão sobre os valores (HELLER, 1993, p. 133).

Referências Bibliográficas:

- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Ensaio racionalistas**. Rio de Janeiro: 1988.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Anne-Marie e HÉRBRARD, Jean. **A invenção do cotidiano: uma leitura, usos**. São Paulo: Projeto História (17), nov. 1998.
- CORREIA, Joao Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- DURAN, Marília Claret Geraes. “Pensar o cotidiano com M. de Certeau”. In: **Diálogo Educ.**, v. 7, n. 22, p.115-128, Curitiba, set-dez.2007.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- FILHO, Alípio de Sousa. “Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano”. In: **Sociabilidades**, v. 2, p. 129-134, São Paulo, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HELLER, Agnes. **O homem do Renascimento**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. Barcelona: Edicions 62, 1987.
- HELLER, Agnes. **Uma teoria da historia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HUSSERL, Edmund. **Las crises des sciences européens et al phénoménologie transcendentale**. Paris: Gallimard, 1967.
- JOSGRILBERG, Fabio. “Cotidiano e sujeito ordinário”. In: **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. Organizadores: CITELLI, Adilson...*et al*. São Paulo: Contexto, 2014.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1985.
- MARÍAS, Julian. **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROSSLER, João Henrique. “O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller”. In: **Caderno Cedes**, vol. 24, n. 62, p. 100-116, Curitiba, abril 2004.

SANTOS, Luiz Henrique dos. “A essência da proposição e a essência do mundo”. In: WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SCHUTZ, Alfred. **The Phenomenology of the social world**. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1967.

SIMMEL, G. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Gilberto (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.